

XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

“me desajude aqui”: para lidar com (in)Tolerância religiosa na pegada de resistir e ressignificar

Rita Maria Brito Santos¹

RESUMO

Neste texto discuto intolerância Religiosa, abordando a temática da religiosidade assentada na religião do candomblé. Começo narrando a vida cotidiana em Maragogipinho. Um lugar com modo de ser e estar ancorado na sabedoria de uma tradição afro-indígenas, produzindo conhecimento com ressignificação. Deste ponto relato dois episódios na academia e evidencio que o candomblé conta com conceitos nativos com os quais explica mundo. De porte deles, problematizo criticamente a prática da intolerância e suas motivações, e estabeleço um contraponto com a questão da tolerância, numa solicitação de co-relações entre nós e com nossos aliados para caminhar no sentido da virada.

Palavras-chave: “me desajude aqui”; candomblé; tolerância.

Inicialmente, peço a benção aos meus mais velhos e meus mais novos. Na pessoa da Profa. Dra. Marise de Santana saúdo os membros da mesa e demais presentes, em tempo agradeço ao Prof. Dr. Daniel Valério Martins e ao acadêmico Ruan a confiança que me dedicaram ao convidar-me para esta mesa que muito me alegra, me honra e me permite esperar.

Lá de onde eu venho, a confiança é fundamental para movimentar as relações. Sou da terra do barro, Maragogipinho, um dos maiores, ou maior polo cerâmico da América Latina. É de lá que seguem “peças de barro”, ou “louças de

¹ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1978) e mestrado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (2000). Atualmente é professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB e estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPGCS da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Sociologia, Geografia, Planejamento urbano, regional e sócio-ambiental, com ênfase em Geografia Humana e Sociologia e Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: território, cidade, Camaçari, produção do espaço urbano e poder local, religião e sociedade, espaço religioso. E-mail para contato: rmbasantos@uneb.br



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

barro” como se chamam as quartinhas, quatrilhões, alguidar (agdás), pratos, potes, moringas, talhas, porrões, panelas e caxixis. Elas se prestam a uso doméstico, decorativo, religioso, entre outros. No candomblé essas peças são significadas conforme funções, associando-se a outros objetos e coisas utilizadas nas práticas rituais, e outras atividades, no terreiro, e fora dele, quando este se estende para dar sequência aos entrelaçamentos decorrentes ou requeridos pelas práticas socioespaciais na religião do candomblé.

Pretendo iniciar deste ponto as minhas conjecturas, nesta mesa que dialoga sobre intolerância religiosa, pois entendo que a maneira como se organiza a vida e a lida em Maragogipinho remete essencialmente à tradição. É possível dizer que vem desde lá, das experiências afro-indígenas, um conhecimento em constante processo de resignificação, como um modo de ser-e-estar no lugar. Ainda que em Maragogipinho se interaja, se pratique e se agreguem aspectos do jeito “moderno” de ser, o sentido de pertença e territorialidade, prioritariamente, acontece potencializada pela retenção de memórias de “rastros-resíduos” (GLISSANT, 2005, p.19-20). Entre nós são modos práticos devidos à tradição, com resignificação, a exemplo do “me desajude aqui”

Na minha terra “me ajude aqui” e “me desajude aqui” é um modo de solicitar ajuda e praticar a solidariedade para levar adiante um compromisso, ou atender alguma demanda que lhe fora solicitada na casa ou na rua, seja de ordem material ou simbólica. Metodologicamente, podemos argumentar, que, no curso da ação “me ajude aqui” remete ao início e “me desajude aqui” remete à finalização, e nesse caminhando “ao longo de”, com entrelaçamentos e serpenteamentos, mas sem fechamento, são muitos os personagens que aqui e acolá vão se engajando ativamente no processo. (INGOLD, 2005, p.107-108)

Para evidenciar a força da expressão “me ajude aqui”, “me desajude aqui”, vou me referir a uma das etapas de produção da cerâmica em Maragogipinho,



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

quando as peças são movimentadas entre a olaria – residências - olaria, para nas residências as mulheres - senhoras e jovens- darem polimento – “burnir” (brunir) e/ou pintá-las, em seguida retornarem às olarias, para a “queima” em fornos a lenha. Finalização da produção e aguardar comercialização.

As peças são deslocadas em cestos de cipó chamados balaio, sobre a cabeça de rapazes jovens ou pré-adolescentes. Entre o balaio e a cabeça coloca-se uma rosca de pano chamada rodilha, para equilibrar o peso e evitar lesões provocadas por desequilíbrios ou fricção entre o cesto e o couro cabeludo. Para seguir da partida ao destino é preciso contar com a ajuda de alguém, o chamado é, respectivamente, “me ajude aqui!” (para subir o balaio), “me desajude aqui!” (para descer o balaio). Ex. Ô Dona Socorro, “me desajude aqui!”

Levantar ou arriar um peso requer ajuda; sozinho, não é possível realizar a demanda. Assim, “me ajude aqui” e “me desajude aqui”, formam um par articulado, numa sequência que segue em movimento, com ocorrência de pausas e retomadas. Para a partida o apelo é “me ajude aqui” o processo é alavancado pela força do prosseguir até a chegada, onde o apelo é “me desajude aqui”, no caminho há sempre a possibilidade de dar e receber ajuda.

Ajuda aqui é sinônimo de companheirismo, irmandade, solidariedade, parceria ou se quisermos dizer, “ser-com o outro” (MERLEAU-PONTY, p.127-128) para a “feitura” acontecer e a vida caminhar. Mas, sugere também uma espécie de dádiva (Mauss,1970), no sentido da reciprocidade que expressa a obrigação, em dar e receber, um compromisso, por sua vez, tão cara às relações de troca em comunidades tradicionais, ou tantos outros modos práticos que remetem à tradição. Partindo daí, é que convido cada um de nós a que “me desajude aqui” na lida que, no âmbito da religiosidade, envolve a intolerância religiosa.

Meu ponto é analisar a religiosidade a partir do Candomblé discutindo saberes para falar de co-existência, no movimento entre saber/saberes, conhecer



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

e incluir, numa tentativa de pensá-los em contato com a universidade, adotando como chave os conceitos nativos: caminhos abertos, confiança, obrigação, cuidado e compromisso, para afirmar a tolerância como respeito à diversidade e resistência; me opondo à intolerância religiosa, que se faz pela violência que oprime e nega a existência do diverso e seus modos de existência.

O candomblé é uma religião aberta para todos, que dela se aproximem, e se conectem com a perspectiva de ser com outros, (outros humanos e outros que não humanos). Assim, reconhecer o Diverso, no universo religioso é algo presente no jeito de ser do povo de santo. Contrário a esta perspectiva, as religiões que se colocam numa perspectiva de religião única, em geral alimentam a perspectiva de intolerar e mesmo anular, se possível for, o diverso.

A intolerância religiosa que ataca a religião do candomblé e seus adeptos no agora é caudatária de um passado escravocrata que não acabou. Ela quase sempre aparece justificada como ideal de unicidade (disfarçada ou não), protegida sobre o manto da racionalidade ocidental, e com este suporte faz uso da prática da violência como se fosse direito legítimo a sobrepor, anular e até mesmo eliminar tudo que está em desconformidade com a sua semelhança.

Mobilizei o termo “me desajude aqui!” convidando o leitor a caminhar comigo nesta conversa. Entendo que ele pode ser aplicado para lidar com a discussão do saber e saberes em dinâmicas de intrarelacionamentos, em múltiplos espaços, para lidar com a temática da tolerância e intolerância. Começo com a narrativa de duas histórias: história 1 - lembrando o que aconteceu e minha pele negra conta; história 2 - o que a carta me fez revelar, entrelaçar e, ressignificar; em seguida, faço uma breve colocação sobre saberes, a presencialidade de conceitos nativos e sua possibilidade de diálogo com conceitos científicos; para daí retomar e dar sequência à discussão sobre Tolerância, e intolerância religiosa.

História 1 - lembrando o que aconteceu e minha pele negra pode contar.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Em finais dos anos de 1990 eu chegava a uma universidade, onde ensinei em tempos pretéritos, com o intuito de ministrar aula de Antropologia Jurídica, no curso de direito. Os alunos aguardavam ansiosos, do lado de fora da sala, o personagem que iria entrar em cena. O pavilhão da administração e o de sala de aulas ficavam em paralelo, distantes, aproximadamente, 400m.

Fui caminhando em direção ao pavilhão de aulas. Eu não usava nem sapato alto, nem blazer; e sequer usava adereços que destacassem minhas preferências religiosas. Mas a minha pele negra e o discreto lenço que eu usava foram suficientes para exacerbar a descrença, dúvida e inaceitação da minha condição de docente, era visível a Intolerância de uns; legitimada por outros; e engolida por alguns.

Um breve diálogo se estabeleceu entre eles, antes que eu estivesse próxima demais para ouvir, mas não distante demais para sentir. Soube depois que um deles exclamou,

- Olha, a professora está chegando!

Um outro exclamou:

- O que, professora?! Vê só, aquela ali sabe mesmo é tocar tambor!

Eu, graças aos orixás, uma mulher negra, sem o estereótipo legitimador dos de mandar, não poderia ser a professora que eles idealizavam poder dialogar, no âmbito do conhecimento acadêmico. Para eles, minha sabedoria teria que estar assentada e delimitada, exclusivamente, em outras miragens, fosse na servidão, ou entre os aquilombados, parentes e irmãos, de santo ou de sangue.

A intolerância era tamanha que mesmo sem que soubessem da minha pertença religiosa, minha cor e meu cabelo, ora envolto por um turbante simples, mas elegante, aguçavam o preconceito que carregavam consigo, contra minha origem de cor/raça e saberes que recebemos de empréstimos dos nossos ancestrais e procedemos com ressignificação. Assim, sentiam-se com autoridade



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

para acionar o paradigma etnocêntrico da classificação racial para me escalarem no lugar da inacessibilidade ao fazer científico.

E nesse jogo de violência contra nós outros, sentirem-se confortáveis para desclassificar, intolerar, debochar da sabedoria e religiosidade de nós outro- que o tambor fazia lembrar. “aquela ali sabe mesmo é tocar tambor”.

O que esses personagens não tinham alcance e sabedoria para perceber, era quanto à expressão dessas memórias me permite sentir orgulho de ser e estar, seja aqui, ali, ou acolá, sem renunciar ao legado africano e afro-indígena que carrego.

Confrontam-se conosco, esses tantos, que entre eles se acham caudatários do chamado “modelo civilizador” - será? -, e que por preconceito e intolerância se sentem confortáveis para tentar negar, fingir ignorar e buscar desqualificar as múltiplas interpretações de mundo que no munda há.

E fazem isso, muitas vezes, bem à moda extrativista, expropriando e investindo em tentativas de apagamento, para alimentar a negação da origem e a legitimidade de muitos conhecimentos e modos práticos devidos às nossas tradições. Os exemplos vão desde a arte; sistemas normativos; cultivos e modos de preparos de alimentos; sem esquecer da configuração de lugares na produção do espaço habitado.

Nesse cenário, as aulas prosseguiram. Inicialmente, havia uma tensão perceptível no lugar: alguns, animados e se aproximando; outros reticentes, enquanto alguns visivelmente se mostravam desconfortáveis.

Mas as aulas seguiram acontecendo num crescente. Certo dia, ao discutir a proposição de um trabalho de campo, um aluno sugeriu que escolhêssemos realizá-lo na franja entre o centro urbano e a área rural, incluindo um singelo museu particular, que ele fizera no seu sítio.



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
SUDOESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

O museu era composto por peças e registros deixado por sua mãe, que em vida fora Yalorixá. Eu desconhecia o fato, só adiante tomei ciência O museu, ao mesmo tempo que era uma homenagem à Yá, também evidenciava um modo de ser e estar no mundo com outros. A turma aceitou, montamos e realizamos a atividade. Foi um sucesso!

Entre saberes, comer e beberes, com direito à culinária afro-indígena, nós fomos da sala ao campo, e deste a uma conversa sobre as complexidades observadas por cada um, em forma de um seminário menos formal e mais dialógico, uma semana após o campo. Foi então, que num dado momento um aluno visivelmente emocionado discorrendo sobre o fato que acima relatei disse que, ao longo das aulas havia tomado consciência do quanto de preconceito e discriminação carregava em si. Um caloroso debate se estabeleceu.

Entre críticas e sugestões produzimos, coletivamente, uma pauta para debater o significado de **tolerar e intolerar**. Como resultado, prevaleceu o entendimento sobre **tolerância religiosa** como prática de resistência e condição de ser no mundo com outros; e **intolerância religioso** foi entendida como mecanismo que tenta subalternizar e oprimir, não cabendo contemporizar, mas criminalizar.

História 2 – O que a carta fez revelar, entrelaçar e ressignificar

O que farei agora é o relato dos registros de uma das cartas temáticas produzida como trabalho acadêmico, dos alunos de graduação no curso de Direito – Campus XIX- UNEB, onde sou locada como docente.

A experiência metodológica, que por sua vez também é teórica, se faz com interseção entre ensino, pesquisa e extensão, com atenção também para as ações afirmativas. Sua feitura acontece pelo movimento de entrelaçamento entre o Projeto de Extensão “De Olho na Gestão, nascido em 2016, e o Componente



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Curricular- Antropologia Jurídica, ambos sob minha responsabilidade, procurando viver e sentir a cidade pelas linhas da extensão.

Nesta perspectiva, a partir de 2022, continuamos com a abordagem, mas recortando um pouco mais os trabalhos, ancorando-os na problemática de cor/raça, e outras desigualdades. A lida envolve atividades de planejamento e execução de atividades, em sala e fora dela, com participação dos monitores do projeto de extensão e os alunos cursantes de Antropologia Jurídica. Ao final do semestre, os estudantes da disciplina elaboram as cartas temáticas.

As cartas serão objeto da última avaliação que é feita num seminário, semestral, interno (com cursantes da disciplina e extensionistas do projeto). As autorizadas pelos respectivos escritores, seguem para um seminário anual aberto ao público, no final do segundo semestre.

O seminário é composto de dois momentos: uma mesa com palestrantes externos; e a apresentação das cartas, seguida de debate. Sua organização é devida ao Projeto de Extensão “De Olho na Gestão”, envolvendo monitores bolsistas e voluntários, e voluntários cursantes de Antropologia Jurídica. A ação é oficialmente integrada à programação do NUPE - UNEB (Núcleo de Pesquisa e Extensão da UNEB), acontecendo com inscrição e certificação.

Vou narrar algumas partes da carta de B. L. Rodrigues, apresentada no seminário de 2022, quando introduzimos a modalidade. Antes, quero dizer que já contamos com um interessante e consistente acervo, conforme trabalhos desde 2016, em produção, como “simultaneidade de histórias até agora” (MASSEY, 2009, p.28-29), Conceito proposto por Massey, nos convidando a “*pensar o espaço sempre num fazer-se, jamais acabado, nunca fechado*”.

A riqueza de informações, percepção e entendimento dos significados que as cartas nos dão a perceber e debater, nos anima a continuar trilhando este caminhando. Passemos à narrativa de uma delas.



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

Carta para a população jovem preta

B. L. Rodrigues

- Queria começar agradecendo a universidade pública por me proporcionar o sentimento de pertencimento.

Então, meu primeiro contato com meu eu preto se deu na universidade pública, foi aqui na UNEB, que eu pude me entender como pessoa preta. Antes eu me sentia “o patinho feio”, claro demais para ser preto, e escuro demais para ser branco, o que eu era? Na minha certidão está expresso, “PARDO”, será?

Nos dois parágrafos seguintes ele discorre sobre o processo histórico de tentativa do branqueamento da população brasileira, crítica à política da miscigenação, e utilitarismo que,

- *Esnoba as religiões de matriz africana e faz música depreciando o fenótipo preto*

Segue argumentando como toda essa discriminação afetou o pertencimento e retoma a fala sobre seu processo de ressignificação.

- *Depois que entrei na universidade descobri que existe mais pretos do que apenas os de pele retinta. O espaço da universidade precisa dessa pluralidade. Ver pessoas pretas assumindo esses lugares é de se maravilhar...assim como eu muitos jovens precisam descobrir esse sentimento e dizer, “Eu sou preto”. Esse despertar étnico é libertador, girar a chave e entender que o seu cabelo tem um porque, seus traços têm um motivo, e poder reafirmar toda essa identidade é lindo.*

Seguindo nesta peregrinação, como descobridor de caminho (Ingold, p.107-109) registra ter entrado na universidade pensando em mudar o mundo, mas que ao final a universidade o mudou, lhe permitiu,

- *olhar e entender que cada pessoa tem sua jornada, é único, entender que cada diferença é o que nos faz coletivo, ... esse despertar que eu tive... espero que você jovem alcance ao final desta carta,... ter despertado uma sede de*



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

pertencimento... quero que você se aceite...que você se respeite, afinal, ser preto é lindo... e que você saia destas palavras ávido por sua cultura, com sede de dizer, “Eu sou preto e eu posso”.

Entre saberes e viveres - Neste tópico vou me deter particularmente no diálogo entre diferentes saberes. A pegada está na percepção de que o candomblé conta com conceitos nativos para interpretar e lidar com as coisas do mundo, e que muitos desses dialogam bem com certos conceitos científicos.

Se aceitamos essa assertiva como legítima, abre-se a possibilidade de conexões que contribuem com o processo de educação da atenção, com chance da academia se engajar de forma inovadora na discussão sobre religiosidade e resistência. Isso é relevante na luta contra a intolerância, em particular, à intolerância religiosa, seja no espaço interno ou nos externos, onde a universidade atua. Parafraseando Rodrigues, trata-se de “virar a chave”.

Nesta virada está em jogo estabelecer conexões com outros corpos situados, com reconhecimento e a validação da legitimidade de suas crenças, seus deuses, ritos e narrativas, ainda que por alguns intolerados.

Nesta reflexão, trago alguns conceitos nativos que integram a cosmovisão no candomblé, embora, eles sejam muitos, e amplamente acionados pelos adeptos, para lidar com demandas da vida cotidiana e da prática ritual. Vejamos,

- **caminhos abertos, corpo fechado** - No candomblé ele é fundante, e se trata de mobilizar energia - o axé, para abrir os caminhos, livrar-se de um estado de aflição- proteger o corpo e chamar a força/energia da harmonia, saúde, paz e prosperidade para seguir a vida;

- **confiança** - Confiança nos orixás, inquices e caboclos para que o oriente e proteja; confiança na sabedoria e conhecimento dos mais velhos para fazer a vida acontecer e de apelar aos irmãos, para ajudar a fazer o que tem que ser feito e servir de testemunha das “feituas”;



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

- **cuidado** – com os orixás; e o espaço do terreiro com a família de santo, e de sangue e quem chega ao lugar – com os humanos, não humanos, objeto, e as coisas – cuidar do axé, não se restringe ao íntimo, e traz a perspectiva do acolher, preservar e cuidar do mundo e das coisas do mundo.

- **obrigação** – no sentido de agradecimento por ser e estar no lugar, amparado e cuidado pelos orixás, inquices e caboclos, pela mãe/pai de santo, os zeladores e toda a família no axé. Reflete uma espécie de dádiva. Cumprir e preservar a relação, entre dar e receber, com o orixá, a família e o espaço-lugar-território, - o terreiro -. Negligenciar é descuidar desse sentido de vida. E quem descuida a vida cobra, conforme, nos diz, Negro Bispo, “a terra dá, a terra tira”

- **compromisso** com a existência, com a vida sendo no mundo com outros, respeitando a sabedoria que diz respeito à ancestralidade e é aberto à possibilidade de inovar sem anular.

Outro aspecto a considerar - venho percebendo que muitos conceitos nativos dialogam bem com diversos conceitos científicos. Mas, embora a questão me interesse há algum tempo, a deixarei para uma abordagem futura. Desde já, admito que estes conceitos nativos se permitem agir numa dinâmica de entrelaçamentos, mantendo a força de continuar sendo com ressignificação.

Para não concluir– Cá entre nós, tolerância e intolerância sempre afetaram nosso cotidiano. O tema não está vencido nem do ponto de vista político nem teórico-metodológico. Tolerância remete a agir com sabedoria, confiar, acolher e cuidar. Ela parte do arranjo da resistência, não é sinônimo de subalternidade, ou incapacidade de agir e desse ponto, também contempla não tolerar a intolerância. Em particular, a intolerância religiosa.

A intolerância religiosa, no nosso contexto espacial, traz para além das características comuns ao fenômeno, certa especificidade, já que é direcionada



UESB
UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
SUDESTE DA BAHIA



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

às religiões que não se inscrevem, nos cânones do domínio ocidental. Ela é direcionada às religiões de matriz africana, afro-indígenas, e outras mais, oriundas de espaços sul-sul, tornadas alvo da violência tanto material quanto simbólico. Estas atitudes são forjadas no preconceito daqueles que só se percebem posicionados de maneira aceitável se o outro for eliminado.

Nesse contexto, aceitamos que tolerância é forma de resistência, jamais submissão, ou acomodação e contempla afirmar: “respeite o meu tambor e o meu ojú, que eu respeito o seu orar”.

Deixo ao leitor o convite para as possibilidades de diálogos e conjecturas, ademais, os ditos sugerem seguir para análises mais aprofundadas. Nessa pegada, convém perguntar: Por que motivo a intolerância se manifesta de forma tão intensa contra as religiões com origens nas práticas e experiências dos escravizados e seus descendentes e pertencimento afro-indígena. Imagino que não seja tão difícil conjecturar. Sendo assim, o apelo às co-relações, entre nós e com nossos aliados é: “me desajude aqui!”

REFERÊNCIAS

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. © Editions Gallimard, 1996 Introduction à une poétique du divers. Trad. Enilce do Carmo Albuquerque Rocha. Rio de Janeiro: Editora UFJF, 2005.

INGOLD, TIM. **Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor caminho e navegação**. Trad. Amanda Lyons, Ver. Clara Mafra. Cap.13. de The Perception of the environment: essays livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2000, p. 219-242. In: *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.25, n. 1, jun. 2005.

LA CADENA, Marisol. **Seres- Terra: Cosmopolíticas em mundos andinos**. Trad. Caroline Nogueira e Fernando Silva e Silva. 1ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024. (47-48;80-96)



Colegiado do curso de
DANÇA



XX ENCONTRO DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO ÉTNICA & X SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE (PPGREC/ODEERE)

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva** @Presses Universitaires de France, 1950. Trad. Antônio Felipe Marques. Todos os direitos reservados para a língua portuguesa por edições 70, Lda., Lisboa- Portugal.

MERLEAU-PONTY, Mauricio. **O entrelaçamento: O quiasma. In: O visível e o Invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 127-150.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

RABELO, Miriam C.M. **Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé.** Salvador: EDUFBA, 2014. 296p



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUL DA BAHIA



Colegiado do curso de

DANÇA

